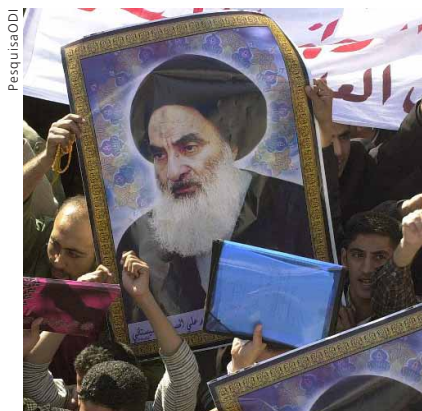


Iraque

Mera formalidade

A ocupação estrangeira do país não torna as eleições e os demais passos seguintes do calendário político um fator de estabilidade



PesquisaODI

Encerradas as eleições parlamentares realizadas no Iraque no final de janeiro, duas posições ficaram logo claras: a do atual governo provisório, que coincide, pelo menos parcialmente, com a dos principais líderes da maioria xiita, que pedi-

ram a formação de um governo de união das várias correntes; e a dos representantes da minoria sunita, antiga detentora do poder, que destacaram a ilegitimidade do pleito, o qual, aliás, boicotaram, devido à ocupação militar estrangeira do país, comandada pelos EUA. Os sunitas acham que o novo governo do Iraque, a ser constituído após a formação da Assembléia Nacional não terá autoridade para comandar a nação no futuro e elaborar uma nova Constituição.

Ponto nevrálgico A presença dos 150 mil militares americanos em solo iraquiano, aliás, é, sem dúvida, um ponto nevrálgico na definição do presente e do futuro próximo do país. Enquanto os sunitas se manifestam contra ela, o presidente provisório do Iraque, Ghazi al Yawer, chegou a classificar de “completo *nonsense* pedir para as tropas deixarem o país neste momento de caos e vácuo de poder”. Não só ele é dessa opinião: dirigentes xiitas já se pronunciaram no mesmo sentido. O que é coerente, já que os xiitas devem assumir o poder em razão dos resultados que obtiveram nas eleições (ver **O [precário] poder xiita**, à p. 30). Assim, têm todo o interesse em garantir condições para governar. Nesse sentido, eles têm procurado acalmar as outras correntes – além dos sunitas, os curdos – com manifestações de que pretendem adotar um modelo de regime diferente do que existe no Irã – o grão-aiatolá Ali al Sistani (no cartaz, na imagem ao alto) já disse que não quer que a nova Constituição do país seja baseada somente na *sharia* (lei islâmica).

Mas, as forças estrangeiras são de fato uma garantia de estabilidade ou um fator de instabilidade? Sua presença não tem sido capaz de produzir estabilidade, como reconheceu implicitamente Al Yawer – ele falou de “caos e vácuo de poder”. O que ocorreu em fevereiro, logo após as eleições, é uma boa amostra disso: inúmeros atenta-

dos produziram centenas de mortos, principalmente entre a população iraquiana – quer membros das embrionárias forças de segurança que estão sendo treinadas pelos americanos, quer civis.

Durante o dia da Ashura, a mais importante festividade xiita, por exemplo, ao menos 40 pessoas morreram e cerca de 130 ficaram feridas. Só em duas mesquitas xiitas em Bagdá morreram 27. Mas a mais espetacular de todas essas ações foi a que fechou fevereiro em Hila, na Província da Babel, 95 km ao sul de Bagdá: foram mais de 100 mortos. Também para os americanos fevereiro não foi um paraíso: dezenas de soldados foram colocados fora de combate, elevando o total de militares mortos para perto de 1.500 desde o início da guerra.

Entre a ala nacionalista da resistência iraquiana, diz-se, há quem esteja disposto a um acordo que estabelecesse um cronograma para a saída dos militares estrangeiros no médio prazo. Um indício disso seria a informação divulgada pelo site da revista *Time* na Internet, de que resistentes iraquianos estariam mantendo negociações secretas com as autoridades americanas de ocupação.

O problema de uma solução desse tipo para os xiitas é estabelecer o *timing* correto para que enquanto os americanos se retiram já esteja de pé uma força que dê conta da segurança do país. Contribuiria para esse processo, é claro, o fato de que à medida que os estrangeiros fossem saindo a tarefa seria facilitada, porque os setores que lutam contra sua presença se acalmariam.

Sem prazo para sair Uma saída dessa natureza, no entanto, deve encontrar obstáculos do lado americano, já que é duvidoso que o governo do presidente George W. Bush se conforme em entregar o país sem a garantia absoluta de que o Iraque seja dirigido de forma segura e confiável e de acordo com seus interesses estratégicos. Apesar das dificuldades que enfrentam – os gastos com a ocupação contribuem significativamente para o déficit fiscal dos EUA – as autoridades americanas já disseram que não têm prazo para que suas forças se retirem do Iraque. Afirmam que só o farão quando o governo iraquiano tenha condições totais de manter-se em segurança no poder. Assim, parece, ao menos no momento, está estabelecido um ciclo vicioso, perverso para os iraquianos: a presença americana contribui para desestabilizar o país e os americanos dizem que só saem do Iraque quando a situação estiver estável.

Sem resolver essa questão-chave e a continuar o vigor mostrado pela resistência, evidentemente, todo o processo político planejado para ocorrer a partir das eleições – a escolha de um governo e a aprovação de uma nova Constituição – pode se transformar em pouco mais que formalidade. ■